

SIR ARTHUR CONAN DOYLE

AS MEMÓRIAS DE  
SHERLOCK HOLMES

Tradução de  
JOAQUIM MACHADO



## O ESTRELA DE PRATA

— Receio, Watson, que serei obrigado a ir — disse-me Holmes, uma manhã quando nos sentámos para o café matinal.

— Ir! Aonde?

— A Dartmoor... A King's Pyland.

Não fiquei surpreso. A minha única surpresa era que ele ainda não tivesse intervindo nesse caso extraordinário, o único tópico de conversa em toda a Inglaterra. O meu amigo tinha passado o dia inteiro a andar pela sala com o queixo mergulhado no peito, fronte franzida, e a carregar e recarregar o cachimbo de tabaco forte, muito forte, e absolutamente surdo a qualquer das minhas perguntas ou observações. Novas edições dos jornais eram-nos enviadas pelos nossos agentes. Percorríamos rapidamente com os olhos e depois atirávamo-los para o canto. Contudo, por muito calado que estivesse, eu sabia muito bem em que é que ele ruminava. Só existia um problema perante o público que podia desafiar o seu poder de análise: o desaparecimento singular do favorito da Taça Wessex e o trágico assassinio do seu treinador. Portanto, quando me anunciou a intenção de partir para o local do drama, isso representava não só o que eu aguardava como também o que desejava.

— Sentir-me-ia muito feliz em acompanhá-lo, caso não incomodasse — disse eu.

— Meu caro Watson, a sua vinda será um grande favor que me presta. Além disso, creio que não dará o seu tempo por perdido, porque há pontos neste caso que prometem torná-lo absolutamente único. Parece-me que temos apenas o tempo necessário para apanhar o comboio em Paddington. Mas discutiremos depois o assunto durante a viagem. Far-me-ia um grande favor se trouxesse consigo o seu excelente binóculo.

E aconteceu que dentro de uma hora, ou um pouco mais, eu me encontrava na extremidade de um vagão de primeira classe correndo veloz para Exeter. Sherlock Holmes, vivo, impaciente, metido no seu boné de viagem com abas largas para proteger as orelhas, mergulhava num pacote de jornais da última edição que comprara em Paddington. Tínhamos deixado Reading para trás quando ele pegou no último jornal e me estendeu a sua cigarreira.

— Estamos a ir muito bem — disse ele espiando pela janela e olhando para o relógio. — Neste momento a nossa velocidade é de cinquenta e três milhas e meia por hora.

— Não reparei nos postes miliários de um quarto — disse-lhe eu.

— Nem eu. Mas os postes telegráficos desta linha são de sessenta jardas de distância, e o cálculo é simples. Já considerou, com certeza, o caso do assassinio de John Straker e o desaparecimento do *Estrela de Prata*?

— Já vi o que dizem o *Telegraph* e o *Chronicle*.

— É um desses casos em que a arte do raciocinador seria usada mais para peneirar do que para adquirir novas provas. A tragédia foi tão rara, tão perfeita, e de tal importância para tantas pessoas, que possuímos uma infinidade de suspeitas, conjeturas e hipóteses. A dificuldade é separar a estrutura do facto — do facto absoluto, inegável — das fantasias dos teóricos e repórteres. Estabelecidos, então, nesta base exata,

o nosso dever é verificar que conclusões se podem tirar e quais são os pontos especiais em redor dos quais gira todo o mistério. Na noite de terça-feira recebi telegramas do coronel Ross, proprietário do cavalo, bem como do inspetor Gregory, que está a tratar do caso, solicitando a minha cooperação.

— Terça-feira à noite! — exclamei. — E já estamos na manhã de quinta. Porque não veio ontem?

— Porque cometi um erro... o qual é, segundo receio, uma ocorrência mais vulgar do que poderia pensar alguém que só me conhecesse por intermédio das suas memórias. A verdade é que eu não podia acreditar que fosse possível que o cavalo mais famoso de Inglaterra pudesse ficar tanto tempo escondido, especialmente num local com habitações tão dispersas como o norte de Dartmoor. Ontem esperava ouvir a cada momento que o cavalo fora encontrado e que o assassino de John Straker tinha sido o seu raptor. Entretanto, quando descobri, na manhã seguinte que, além da prisão do jovem Fitzroy Simpson, nada mais se tinha feito, senti que era tempo de entrar em ação. Todavia sinto que, de certo modo, o dia de ontem não foi desperdiçado.

— Já formou, nesse caso, a sua opinião?

— Pelo menos já tenho um apanhado dos factos essenciais. Vou enumerá-los, porque nada esclarece tanto um caso como expô-lo a outra pessoa. Além disso, não posso esperar pela sua cooperação se não lhe mostrar a posição de onde partimos.

Recostei-me na almofada, soltando baforadas do charuto, enquanto Holmes, inclinando-se um pouco para a frente, com o indicador comprido e fino, começou a comparar os pontos na palma da mão esquerda e a dar-me um esboço dos acontecimentos que nos tinham induzido a viagem.

— *Estrela de Prata* — disse ele — é da estirpe do *Isonomy*, e mantém um brilhante recorde, como o seu famoso antepassado.

Está agora no quinto ano, e já conseguiu todos os prémios das corridas de cavalos para o coronel Ross, seu afortunado possuidor. Até ao momento da catástrofe era o principal favorito da Taça Wessex, sendo as cotações de três a um a seu favor. Aliás, ele tem sido sempre o principal dos apostadores e nunca os desapontou. De modo que, até mesmo nas piores probabilidades, apostam nele somas enormes. Portanto, é claro que há muitas pessoas fortemente interessadas em impedir *Estrela de Prata* de lá estar terça-feira ao cair da bandeira.

»Este facto foi, certamente, apreciado em King's Pyland, onde está localizado o estábulo de treinos do coronel. Tomaram-se todas as precauções para proteger o favorito. O treinador, John Straker, é um jóquei aposentado, que defendeu as cores do coronel antes de se tornar excessivamente pesado para a balança de classificação. Serviu-o cinco anos como jóquei e sete como treinador e sempre se mostrou zeloso e honesto. Sob a sua direção estavam três rapazes, porque o estabelecimento era pequeno, contendo apenas quatro cavalos ao todo. Um desses rapazes montava guarda toda a noite no estábulo, enquanto os outros dormiam no sótão. Todos tinham mostrado possuir excelente carácter. John Straker, que era casado, morava a umas duzentas jardas dos estábulos. Não tem filhos, mas tem uma empregada e vive confortavelmente. O campo em redor é muito solitário, mas a cerca de meia milha para o norte há um pequeno aglomerado de casas construídas pelo empreiteiro de Tavistock para uso dos inválidos e outras pessoas que queiram desfrutar do ar puro de Dartmoor. Mesmo a cidade de Tavistock fica a duas milhas a oeste, enquanto do outro lado das charnecas, a cerca também de duas milhas de distância, fica o maior estabelecimento de treinos de Mapleton, que pertence a lorde Backwater e é dirigido por Silas Brown. Em qualquer outra direção a charneca é um

perfeito deserto, habitada apenas pelos ciganos. Tal era a situação geral na noite de segunda-feira passada quando ocorreu a catástrofe.

»Nessa tarde os cavalos tinham feito exercício e foram lavados, como de costume, e os estábulos foram fechados à chave às nove horas. Dois dos rapazes subiram a casa do treinador, onde cearam na cozinha, enquanto o terceiro, Ned Hunter, ficou de guarda. Alguns minutos depois das nove, a criada, Edith Baxter, desceu ao estábulo com a ceia dele, que consistia numa travessa de carneiro com molho. Não levou nenhuma bebida, porque no estábulo havia uma torneira, e a regra era que o rapaz de serviço não podia beber mais nada. A criada tinha consigo uma lanterna, porque estava muito escuro, e o caminho atravessava um terreno baldio.

»Edith Baxter estava a cerca de trinta jardas do estábulo quando um homem saiu da escuridão e lhe pediu que parasse. Ao entrar no círculo de luz amarela, projetada pela lanterna, viu que era um homem de aparência distinta. Vestia um fato cinzento de dois tons com um boné de pano. Usava polainas e levava uma bengala pesada com castão. Ela ficou fortemente impressionada com a extrema palidez do rosto dela e com o nervosismo das suas maneiras. Ao que lhe pareceu, a idade dele seria de pouco mais de trinta anos.

»— Pode dizer-me onde estou? — perguntou. — Já estava quase resolvido a dormir na charneca quando vi a luz da sua lanterna.

»— O senhor está pertinho dos estábulos de treino de King's Pyland — disse ela.

»— Oh! Não me diga! Que golpe de sorte! — exclamou ele. — Estou a ver que um dos rapazes do estábulo dorme ali sozinho toda a noite. Talvez isso que aí leva seja a ceia dele. Ora estou certo que não será tão orgulhosa que não queira

ganhar dinheiro para um vestido novo, não é verdade? — E tirou do bolso do colete um pedaço de papel branco dobrado. — Faça com que o rapaz receba isto esta noite e terá o mais belo vestido que o dinheiro possa comprar...

»Ela ficou assustada com a excitação das suas maneiras e correu para a janela pela qual costumava passar a comida, deixando-o para trás. A janela já se encontrava aberta e Hunter lá dentro sentado ao lado de uma mesinha. Ela começara a narrar-lhe o que acontecera quando o desconhecido apareceu de novo.

»— Boa noite — disse ele, olhando pela janela. — Eu queria falar consigo.

A rapariga jurou que, enquanto ele falava, reparou no canto de um papelinho branco dobrado que lhe saía da mão fechada.

»— Que negócio traz o senhor aqui? — perguntou o rapaz.

»— É um negócio que o fará meter ao bolso algum dinheiro — disse o outro. — Tem aí dentro dois cavalos para a Taça de Wessex, o *Estrela de Prata* e o *Bayard*. Dê-me uma informação exata e não ficará prejudicado. É verdade que no peso o *Bayard* podia dar ao outro cem jardas em mil metros e que o estábulo apostou nele todo o seu dinheiro?

»— Então o senhor é um desses malditos espões — gritou o rapaz. — Eu já lhe mostro como os tratamos aqui em King's Pyland.

»Pôs-se de pé de um salto e precipitou-se para o estábulo a fim de soltar o cão. A rapariga correu para casa, mas entretanto olhou para trás e viu que o estranho estava debruçado sobre a janela. Todavia, um minuto depois, quando Hunter saiu com o cão, já ele desaparecera. E embora o rapaz corresse à volta dos edifícios, não conseguiu descobrir o menor sinal dele.»

— Um momento! — pedi eu. — O rapaz do estábulo, ao correr para fora, não teria deixado a porta aberta?

— Excelente, Watson! — exclamou o meu companheiro. — A importância do facto impressionou-me tanto que mandei ontem um telegrama especial a Dartmoor para esclarecer o assunto. O rapaz trancou a porta antes de sair. A janela, posso acrescentar, não era suficientemente grande para um homem passar.

»Hunter esperara até que os seus companheiros de cavalaria voltassem; então, mandou um mensageiro contar ao treinador o que acontecera. Straker ficou nervoso ao ouvir a história, embora pareça não ter atingido inteiramente o seu verdadeiro significado. No entanto, o incidente deixou-o vagamente inquieto, e a Sra. Straker, ao acordar à uma hora da manhã, verificou que ele estava a vestir-se. Em resposta às suas perguntas, disse-lhe que não podia dormir por causa da preocupação a respeito dos cavalos, e que ia descer ao estábulo para ver se tudo estava bem. Ela pediu-lhe que ficasse em casa, pois ouvia-se o ruído da chuva nos vidros. Porém, a despeito dos seus rogos, vestiu o impermeável e saiu de casa.

»A Sra. Straker acordou às sete horas da manhã e verificou que o marido ainda não tinha voltado. Vestiu-se depressa, chamou a criada e dirigiu-se ao estábulo. A porta estava aberta. Lá dentro, estatelado numa cadeira, estava Hunter, mergulhado num estado de absoluto estupor. O estábulo do favorito estava vazio, e não havia sinais do treinador. Os dois rapazes, que dormiam na divisão onde cortavam a palha, por cima da sala dos arreios, foram rapidamente acordados. Não tinham ouvido nada durante a noite, porque eram ambos bons dorminhocos. Era evidente que Hunter estava sob a influência de qualquer droga muito forte. Sem conseguirem dele a menor explicação, deixaram-no dormir enquanto os dois rapazes

e as duas mulheres correram a chamar o proprietário. Tinham ainda a esperança de que o treinador, por qualquer motivo, tivesse tirado o cavalo para exercícios matinais. Entretanto, ao subirem a colina, perto de casa, de onde se viam todas as charneças vizinhas, não só não viram nenhum sinal do favorito como repararam em algo que os advertiu que estavam em presença de uma tragédia.

»A cerca de um quarto de milha, a capa de John Straker fluava numa moita de urzes. Um pouco além havia, na charneça, uma depressão em forma de bacia e lá no fundo encontraram o cadáver do infeliz treinador. Tinha a cabeça esmagada por um golpe dado com alguma arma pesada. A coxa estava ferida com um corte longo e simétrico ocasionado, evidentemente, por um instrumento muito afiado. Era evidente, porém, que Straker se tinha defendido vigorosamente contra os seus assaltantes, porque tinha na mão direita uma faquinha que apresentava sinais de sangue coagulado no cabo, e a esquerda segurava uma gravata de seda preta e vermelha, a qual foi reconhecida pela criada como sendo a que era usada pelo estranho que tinha visitado os estábulos na noite anterior.

»Hunter, ao despertar do seu torpor, foi também muito categórico quanto ao dono da gravata. Estava igualmente certo de que o tal desconhecido, enquanto esteve recostado na janela, lançara uma droga para dentro do seu carneiro com molho para despojar os estábulos do seu guarda.

»Quanto ao cavalo em falta, havia provas abundantes na lama do fundo da depressão de que lá estivera no momento da luta. Mas a partir dessa manhã nunca mais foi visto. E, embora se tivesse oferecido larga recompensa, e os ciganos de Dartmoor ficassem de atalaia, não houve a menor notícia. Finalmente uma análise demonstrara que os restos da ceia que o rapaz dos estábulos deixara tinham uma apreciável quantidade

de ópio em pó. Entretanto, as pessoas da casa comeram refeição idêntica nessa mesma noite, sem sofrerem o menor dano.

»São estes os principais factos expostos objetivamente e encadeados da melhor maneira possível. Agora, recapitulemos o que a polícia fez no caso.

»O inspetor Gregory, a quem o caso foi entregue, é um oficial extremamente competente. Se tivesse o dom da imaginação já teria subido ao cume da sua profissão. Ao chegar encontrou e prendeu prontamente o homem sobre o qual recaíam naturalmente as suspeitas. Houve pouca dificuldade em encontrá-lo, pois era muito conhecido na vizinhança. O seu nome parece que é Fitzroy Simpson. É de nascimento nobre e bem-educado. Esbanjara uma fortuna nas corridas de cavalos e agora vivia de apostas modestas e decentes nos clubes desportivos de Londres. O exame ao seu caderno de apostas demonstrou que apostara cinco mil libras contra o favorito.

»Ao ser preso declarou voluntariamente que tinha ido a Dartmoor na esperança de obter informações a respeito dos cavalos de King's Pyland, e sobre *Desborough*, o segundo favorito, que estava sob os cuidados de Silas Brown, nos estábulos de Mapleton. Não tentou sequer negar o que fizera na noite anterior. Declarou, porém, que não alimentava desígnios sinistros e que pretendia simplesmente obter informações de primeira mão. Quando lhe mostraram a gravata, ficou muito pálido e não pôde explicar a sua presença na mão do morto. A sua roupa molhada indicava que passara a noite anterior ao relento durante a tempestade. A sua bengala, que era um bordão encaestado de chumbo para ter mais peso, constituía uma arma tal que, com repetidos golpes, podia ter infligido os terríveis ferimentos a que o treinador sucumbiu.

»Por outro lado, não havia na sua própria pessoa nenhum ferimento, embora a faca de Straker mostre que pelo menos

um dos assaltantes levara consigo a marca do treinador. E aqui tem o resumo do caso, Watson. Ora, se me puder dar o seu brilhante parecer, ficar-lhe-ei infinitamente agradecido.

Ouvi com o maior interesse o que Holmes, com a sua peculiar clareza, me havia exposto. Conquanto os factos, na sua maioria, já me fossem familiares, não tinha ainda apreciado suficientemente a sua relativa importância, nem a relação entre uns e outros.

— Não seria possível — sugeri —, que a ferida incisiva de Straker lhe tenha sido infligida pela sua própria faca na luta intensa de que resultou o esmagamento do crânio?

— É mais do que possível; é provável — disse Holmes. — Nesse caso, um dos principais pontos a favor do acusado desaparece.

— E, ainda assim, continuo sem perceber qual seria a teoria da polícia.

— Receio que, qualquer que seja a teoria que estabelecermos, haverá contra ela objeções muito sérias — respondeu o meu companheiro. — A polícia pensa, suponho, que Fitzroy Simpson, tendo drogado o rapaz e tendo, de algum modo, obtido uma chave em duplicado, abriu a porta do estábulo e tirou o cavalo, com a intenção aparente de sequestrá-lo definitivamente. Falta também o cabeção do animal. Simpson certamente lho pôs. Então, tendo deixado a porta aberta, conduziu o animal pelas charnecas onde encontrou o treinador ou foi surpreendido por ele. Seguiu-se a luta. Simpson espancou a cabeça do treinador com a sua pesada bengala, sem que tivesse recebido qualquer ferimento da faquinha que Straker usou em legítima defesa. Em seguida o ladrão, ou levou o cavalo para um esconderijo, ou este ter-se-ia escapulado durante a luta e erra agora aí pelas charnecas. É o que a polícia pensa do caso. E, como isto é improvável, todas as outras explicações são ainda mais

improváveis. Entretanto, submeterei o caso à prova logo que lá estiver no local, e, até lá, não vejo como modificar a nossa posição atual.

Já começava a anoitecer quando chegámos à pequena cidade de Tavistock, que se apresentava como se fosse o relevo de um escudo, no meio do enorme círculo de Dartmoor. Dois cavaleiros esperavam-nos na estação. Um era um bonito homem alto, de barba e cabeleira de leão, com olhos levemente azuis e curiosamente penetrantes. O outro era baixo e vivo, muito agradável e esperto, com casaca e polainas, as pequenas suíças bem cuidadas, e óculos. O último era o coronel Ross, o conhecido desportista, o outro, o inspetor Gregory, homem que estava a criar rapidamente nome no serviço de detetives.

— Estou muito satisfeito com a sua vinda, Sr. Holmes — disse o coronel. — Aqui o inspetor fez tudo o que provavelmente lhe podia ser sugerido; mas não quero deixar por virar pedra nenhuma na tentativa de vingar o pobre Straker e de recuperar o meu cavalo.

— Não surgiu nenhuma circunstância nova? — perguntou Holmes.

— Lamento dizer que progredimos muito pouco — disse o inspetor. — Temos uma carruagem aberta lá fora, e como os senhores, sem dúvida, gostariam de ver o lugar antes de escurecer, podíamos conversar durante o caminho.

Um minuto depois estávamos sentados num confortável coche, rolando pela velha e bizarra cidade de Devonshire. O inspetor Gregory estava obcecado pelo caso, e derramava um dilúvio de observações. Holmes fazia uma interjeição ou uma pergunta ocasional. O coronel encostou-se para trás, de braços cruzados e chapéu caído nos olhos, e eu ouvia com interesse o diálogo dos dois detetives. Gregory formulava a sua teoria que era quase exatamente aquela que Holmes previra no comboio.

— A rede agora está lançada bem ao redor de Fitzroy Simpson — observou ele. — E creio mesmo que é ele o nosso homem. Ao mesmo tempo, reconheço que a prova é puramente circunstancial, e que qualquer novo desenvolvimento a pode transtornar.

— E quanto à faca de Straker?

— Chegámos plenamente a conclusão de que ele se feriu na queda.

— O meu amigo, Dr. Watson, fez-me essa sugestão no caminho. Nesse caso, contraria o tal Simpson.

— Sem dúvida alguma. Ele não possuía faca nem qualquer sinal de ferimento. A prova contra ele é, certamente, muito forte. Tinha grande interesse no desaparecimento do favorito. Está sob suspeita de ter envenenado o rapaz do estábulo. Esteve, sem dúvida alguma, ao relento na tempestade. Estava armado de uma pesada bengala, e a sua gravata foi encontrada na mão do morto. Penso que temos realmente o suficiente para comparecermos perante o júri.

Holmes meneou a cabeça.

— Um parecer inteligente reduziria tudo isso a farrapos — disse ele. — Porque havia ele de tirar o cavalo do estábulo? Se quisesse feri-lo porque não o fez ali? Encontrou-se outra chave em seu poder? Que farmacêutico lhe vendeu o ópio em pó? Acima de tudo, onde podia ele, sendo um estranho no distrito, esconder um cavalo, e um cavalo como aquele? Que explicação quanto ao papel que quis que a criada desse ao rapaz do estábulo?

— Diz que era uma nota de dez libras. Foi encontrada uma na sua carteira. Mas as outras dificuldades que opõe não são tão importantes como parecem. Ele não é um estranho no distrito. Durante o verão hospedou-se duas vezes em Tavistock. O ópio foi provavelmente trazido de Londres. A chave, tendo servido

o seu propósito, foi deitada fora. O cavalo pode estar no fundo de algum fosso ou de alguma velha mina da charneca.

— O que diz ele a respeito da gravata?

— Reconhece que é dele, mas afirma que a tinha perdido. Porém há um novo elemento introduzido no caso que pode explicar a retirada do cavalo do estábulo.

Holmes apurou os ouvidos.

— Temos vestígios que provam que um grupo de ciganos acampou na noite de segunda-feira a uma milha do local onde o assassinio se deu. Na terça-feira foram-se embora. Ora, presumindo-se que havia algum entendimento prévio entre os ciganos e ele, não lhes poderia ter levado o cavalo quando foi surpreendido, e não o terão eles agora?

— É certamente possível.

— A charneca está a ser batida por causa desses ciganos. Eu também já revistei todo o estábulo e os arrabaldes de Tavistock numa área de dez milhas.

— Há outro estábulo muito perto, segundo fui informado,

— Sim. E é um fator que não devemos desprezar. Como *Desborough*, o cavalo deles, era o segundo mais cotado, tinham, naturalmente, interesse no desaparecimento do favorito. Sabe-se que Silas Brown, o seu treinador, fez grandes apostas, e ele não era amigo do pobre Straker. Entretanto, revistámos os estábulos e nada há que se relacione com o facto.

— E não há nada que relacione esse Simpson com os interesses dos estábulos de Mapleton?

— Nada, absolutamente.

Holmes recostou-se para trás na carruagem e cessou a conversa. Minutos depois o nosso cocheiro dirigia-se à elegante moradia de tijolos vermelhos e platibandas que se projetavam sobre a rua. A certa distância, ao lado da paliçada, encontrava-se um edifício anexo, de teto cinzento. Em qualquer direção,

as fundas depressões das charnecas, bronzeadas pelos fetos esvanecentes, estendiam-se pelo horizonte, quebradas apenas pelas torres de Tavistock e por um grupo de casas ao longe, na direção do oeste, que assinalavam os estábulos de Mapleton. Todos saltámos para fora, à exceção de Holmes, que continuou recostado, com os olhos fixos no céu em frente, inteiramente entregue aos seus pensamentos. Só quando lhe toquei no braço é que se levantou com ímpeto violento e saiu do carro.

— Desculpe-me — disse ele, voltando-se para o coronel Ross que o encarava com certa surpresa. — Costumo sonhar de dia. — Havia um cintilar nos seus olhos e uma excitação reprimida nas suas maneiras que me convenceram, habituado como estou às suas reações, que dera com qualquer indício, embora não pudesse imaginar onde ele o encontrara.

— Talvez prefira ir já ao local do crime, Sr. Holmes?

— Suponho que preferiria ficar aqui um bocado para fazer uma ou duas perguntas quanto a pormenores. Straker foi removido para aqui, segundo creio.

— Sim. Está lá em cima. O inquérito policial é amanhã.

— Ele está ao seu serviço há alguns anos, coronel Ross?

— Sempre o achei um excelente empregado.

— Suponho que fez um inventário do que ele tinha no bolso na hora da morte, não é verdade, inspetor?

— Tenho as coisas na sala de estar, se quiser vê-las.

— Gostaria, sim.

Entrámos em fila na sala da frente, e sentámo-nos ao redor da mesa central, enquanto o inspetor abria uma caixa quadrada de zinco e espalhava à nossa frente um pequeno monte de coisas. Havia uma caixa de fósforos, duas polegadas de vela de espermacete, um cachimbo *ADP* de raiz de roseira-brava, uma bolsa de pele de foca com meia onça de tabaco *Cavendish*

para cachimbo, um relógio de prata com corrente de ouro, cinco soberanos em ouro, uma lapiseira de alumínio e uma faca de cabo de marfim, de lâmina muito delicada e flexível com a marca Weiss Co., Londres.

— É uma faca muito singular — disse Holmes levantando-a e examinando-a detalhadamente. — Creio, devido às manchas de sangue que tem, que se trata da que foi encontrada na mão do morto. Watson, parece-me que esta faca faz parte da sua profissão.

— É aquilo a que chamamos bisturi de cataratas — disse eu.

— Assim penso. Uma lâmina muito delicada inventada para trabalho igualmente delicado. É uma coisa estranha para ser levada numa expedição vulgar, especialmente quando não se conserva fechada no bolso.

— A ponta estava protegida por um disco de cortiça que encontrámos ao lado do corpo. A mulher dela disse-me que a faca tinha estado, durante alguns dias, na casa de banho e que ele a levava quando saiu. Era uma arma pobre mas talvez a melhor a que, no momento, pôde deitar a mão.

— É muito possível. Mas, e esses papéis?

— Três deles são recibos de fornecedores de feno. Outro é uma carta de instrução do coronel Ross. Isto é uma conta da modista, de trinta e sete libras e quinze xelins, passada por Madame Lesurier de Bond Street a William Derbyshire. A Sra. Straker disse-nos que Derbyshire era amigo do seu marido e que, por vezes, as cartas dele vinham endereçadas para aqui.

— A Sra. Derbyshire tinha gostos um tanto dispendiosos — observou Holmes, examinando a conta. — Vinte guinéus é muito por um vestido só. Entretanto, parece não haver mais nada de interesse e creio que podemos descer ao local do crime.

Quando saíamos da sala de estar, uma mulher que se mantivera à espera avançou e tocou com a mão no braço do

inspetor. O seu rosto transtornado, magro e ansioso, refletia a visão de um pavor recente.

— Apanhou-os? Encontrou-os? — suspirou.

— Não, Sra. Straker; mas o Sr. Holmes veio de Londres para nos auxiliar e faremos tudo o que nos for possível.

— Parece-me que já a vi, uma vez, em Plymouth, numa feira, Sra. Straker, há algum tempo — disse Holmes.

— Não. O senhor está com certeza enganado.

— Por amor de Deus! Podia até jurá-lo. A senhora levava um vestido de seda cor de pomba, enfeitado com penas de avestruz.

— Nunca tive semelhante vestido — respondeu a senhora.

— Bem, então é porque me enganei — atalhou Holmes; e apresentando desculpas, saiu com o inspetor. Uma rápida caminhada pela charneca levou-nos à cova onde fora encontrado o corpo. Ao lado, havia uma moita de urzes onde a capa estivera dependurada.

— Parece-me que não houve vento naquela noite — opinou Holmes.

— Nenhum, mas uma chuva pesada.

— Nesse caso, a capa não voou contra a moita, mas foi lá colocada.

— É verdade. Estava em cima da moita.

— Estou interessadíssimo. Notei que o chão tinha sido muito pisado. Não há dúvida de que muitos pés passaram por lá desde a noite de segunda-feira.

— Foi posto aqui, de lado, um pedaço de esteira e todos nós o temos pisado.

— Excelente.

— Nesta sacola tenho uma das botas que Straker usava, um dos sapatos de Fitzroy Simpson e a ferradura perdida do *Estrela de Prata*.

— Meu caro inspetor, o senhor excede-se.

Holmes pegou na sacola e, descendo à cova, colocou a esteira numa posição mais central. Depois, estendendo-se sobre o resto e apoiando o queixo nas mãos, fez um estudo cuidadoso do barro pisado à sua frente.

— Olá! — exclamou de repente. — O que é isto?

Tratava-se de um fósforo de cera meio queimado, tão revestido de lama que parecia, à primeira vista, uma lasquita de madeira.

— Não percebo como não o vi — disse o inspetor com uma expressão de mágoa.

— Porque estava invisível, enterrado na lama. Eu só o vi porque estava à procura dele.

— O quê! Esperava encontrá-lo?

— Não o julguei improvável.

Tirou as botas da sacola e comparou as impressões de cada uma delas com as marcas do chão. Então trepou o barranco da cova e arrastou-se por entre as sarças e arbustos.

— Receio que não haja mais vestígios — disse o inspetor.

— Examinei o chão com todo o cuidado, cem jardas em redor.

— Tem razão — respondeu Holmes, levantando-se. — Não devo ter a impertinência de o examinar outra vez depois do que o senhor me diz. Mas gostaria de andar um pouco pela charneca antes de escurecer, para ficar a conhecer bem o terreno, e parece-me que vou levar esta ferradura na algibeira, para me dar sorte.

O coronel Ross, que tinha manifestado sinais de impaciência com o método calmo e sistemático do meu companheiro, olhou para o relógio.

— Quero que o senhor volte comigo, inspetor — disse ele. — Há vários pontos sobre que gostaria de conversar consigo, especialmente quanto a se devo ou não retirar o nome do nosso cavalo na inscrição da taça.

— É claro que não — interrompeu Holmes, determinado.  
— Eu deixaria ficar o nome.

O coronel fez uma vénia.

— Alegra-me muito a sua opinião — disse. — O senhor poderá encontrar-nos em casa do pobre Straker quando terminar as suas voltas e iremos juntos, de carro, para Tavistock.

Enquanto ele se retirava com o inspetor, Holmes e eu iniciávamos o nosso lento passeio pela charneca. O sol começava a descer por detrás dos estábulos de Mapleton e a extensa planície inclinada na nossa frente tingia-se de ouro que, ao longe, adquiria a tonalidade de um castanho forte e rosado que os tojos sorviam como uma água luminosa. Mas as belezas do panorama eram inexistentes para o meu amigo, que se mantinha mergulhado na mais profunda cogitação.

— É por aqui, Watson — disse ele, por fim. — Acho que devemos deixar, de momento, a questão de quem matou John Straker e limitarmo-nos a descobrir, num instante, o que foi feito do cavalo. Ora supondo que ele fugiu durante ou depois da tragédia, para onde poderia ter ido? O cavalo é um animal gregário; ao ficar só, o instinto tê-lo-ia feito regressar a King's Pyland ou dirigir-se a Mapleton. Por que razão desataria a correr, como um selvagem, pelas charnecas? Neste caso já teria sido visto. Há ainda a hipótese de os ciganos o terem levado, mas não me parece muito aceitável. São pessoas que se afastam dos sítios onde surgem dificuldades porque não querem ser incomodados pela polícia. Além disso, ser-lhes-ia muito difícil vender um cavalo daqueles e expunham-se a um grande perigo quase sem nenhum proveito. Tudo isto me parece bastante evidente.

— Onde estará ele então?

— Já disse que devia ter ido para King's Pyland ou para Mapleton. Ora se não está em King's Pyland, está portanto

em Mapleton. Tomemos isto como a principal hipótese e veremos onde ela nos leva. Esta parte da charneca, como o inspetor observou, é muito dura e seca. Mas perto de Mapleton suaviza e pode-se mesmo ver daqui que há um longo vale, lá ao longe, que devia estar muito molhado com a chuva de segunda-feira. Se a nossa hipótese estiver certa, o cavalo deve tê-lo atravessado; é pois ali que devemos procurar o seu rasto.

Tínhamos andado com rapidez durante a nossa conversa de modo que, poucos minutos depois, estávamos no vale em questão. A pedido de Holmes, desci o barranco à direita e ele a esquerda. Não tínhamos ainda percorridos uns setenta metros quando o ouvi gritar e vi o aceno alvoroçado da sua mão. O rasto de cavalo era perfeitamente visível na terra fofa e a feradura que ele trazia no bolso adaptava-se rigorosamente as impressões deixadas.

— Veja o valor da imaginação — disse Holmes. — É a única qualidade que falta a Gregory. Imaginámos o que poderia ter acontecido, agimos de acordo com a hipótese e eis-nos recompensados. Prossigamos, pois.

Atravessámos o fundo do pântano e caminhámos, por um quarto de milha, sobre um terreno de turfa dura e seca. Aqui e ali, o solo baixava em declive mas o rasto continuava na nossa frente. Perdemo-lo depois, por cerca de meia milha, para encontrá-lo de novo já muito perto de Mapleton. Foi Holmes quem primeiro o descobriu, não podendo deixar de se demorar a apontá-lo, com uma expressão de triunfo a iluminar-lhe o rosto. Agora, era também visível o rasto de um homem a par do do cavalo.

— O cavalo a princípio devia estar sozinho — observei.

— Perfeitamente; começou por estar só. Olá! O que é isto?

Um duplo rasto descrevia uma curva e tomava a direção de King's Pyland. Holmes assobiou e ambos nos dispusemos

a segui-lo. Ele fixava o caminho mas, a mim, sucedeu-me desviar os olhos e descobrir, com surpresa, os mesmos rastos que voltavam agora na direção oposta.

— Marque um ponto, Watson — disse Holmes quando lhe chamei a atenção para o facto. — Poupou-nos uma longa caminhada que nos levaria outra vez aos nossos próprios rastos. Vamos pela sua pista.

Não nos tínhamos afastado muito e já o rasto se perdia no pavimento de asfalto que conduzia aos estábulos de Mapleton. Quando chegámos, apareceu, a correr, um criado.

— Não queremos vagabundos por aqui — gritou.

— Quero apenas fazer-lhe uma pergunta — disse Holmes metendo o indicador e o polegar no bolso do colete. — Amanhã, às cinco da manhã, será muito cedo para visitar o seu paião, Sr. Silas Brown?

— Valha-me Deus! Se aparecer alguém, encontra-o com certeza, visto que ele é sempre o primeiro a acordar. Mas aí está ele para responder às suas perguntas. Não, senhor, não. Se ele me visse aceitar o seu dinheiro, despedir-me-ia. Mais tarde, se o senhor quiser.

Quando Sherlock Holmes acabava de guardar a meia coroa que tirara do bolso, um homem idoso, de aparência feroz, apareceu ao portão, agitando um chicote de caça.

— O que se passa, Dawson? — trovejou. — Conversa fiada! Volte para o seu trabalho. Toca a andar! E os senhores? Que diabo querem os senhores daqui?

— Apenas dez minutos da sua atenção, meu bom amigo — respondeu Holmes com a voz mais suave que lhe era possível.

— Não tenho tempo para falar com vagabundos. Não queremos estranhos aqui. Vão-se embora ou solto-lhes o cão às pernas.

Holmes então inclinou-se e murmurou qualquer coisa ao ouvido do violento treinador que, ato contínuo, ficou muito sério e corou até a raiz dos cabelos.

— É mentira! — gritou. — Uma mentira infernal.

— Muito bem! Quer que o interrogue em público ou em sua casa?

— Oh! Entre, faz favor. Entre.

Holmes sorriu.

— Não o farei esperar mais do que alguns minutos, Watson — disse, voltando-se depois para o treinador: — Pronto, Sr. Brown, estou à sua inteira disposição.

Tinham já passado uns bons vinte minutos e todo o rubor do poente se transformara numa cor de cinza, quando Holmes e Brown reapareceram. Eu jamais vira uma tão radical mudança operar-se num homem, em tão curto lapso de tempo. O rosto de Brown estava de uma palidez extrema, gotas de suor cintilavam-lhe na fronte e as mãos tremiam-lhe tanto que o chicote de caçador oscilava como uma vergôntea ao vento. Os seus modos arrogantes e ameaçadores haviam de todo desaparecido, humilhando-se mesmo perante o meu companheiro, como um cão aos pés do dono.

— As suas ordens serão cumpridas. Serão cumpridas — repetiu.

— Aviso-o de que não permito enganos — disse Holmes, olhando à sua volta.

O outro encolheu-se quando se apercebeu da ameaça que se refletia nos olhos do detetive.

— Oh! Não, não haverá engano. Há de lá estar. Acha que o mude primeiro ou não?

Holmes refletiu um momento e depois soltou uma gargalhada.

— Não, não o mude. Eu escrever-lhe-ei sobre o assunto. E nada de batota, senão...

— Oh! O senhor pode confiar em mim. Pode confiar em mim.

— Deve arranjar as coisas para que, na altura, ele pareça seu.

— Pode contar comigo, senhor.

— Sim. Também me parece que posso. Amanhã terá notícias minhas.

Voltou as costas indiferente à mão trémula que o outro lhe estendeu e saímos em direção a King's Pyland.

— Raras vezes encontrei um conjunto tão perfeito de ameaças, cobardia e gatunagem como no mestre Brown — observou Holmes.

— É então ele quem tem o cavalo?

— De início quis esquivar-se com brincadeiras, mas eu fiz uma descrição tão real do que se tinha passado que o homem acabou por se convencer de que eu assistira a tudo. Com certeza que notou, Watson, a forma quadrada das pegadas e que correspondiam exatamente às botas dele. Além disso, é evidente que se trata de um gesto que um criado não se atreveria a fazer. Depois lembrei-lhe que, conforme era seu hábito, ele fora o primeiro a levantar-se e a dar por aquele cavalo desconhecido a errar pela charneca; contei-lhe, com pormenores, como ele se acercara do animal e do seu espanto ao reconhecer a malha branca na testa que dera o nome ao favorito. O acaso tinha-o colocado de posse do único cavalo capaz de bater aquele em que arriscara o seu dinheiro. Disse-lhe ainda que o seu primeiro impulso fora levá-lo, de novo, para King's Pyland e como o diabo lhe mostrara que podia esconder o animal até a corrida acabar e até como o levava para o ocultar em Mapleton. Quando entrei então nos pormenores desistiu logo e apenas pensou em salvar a pele.

— Mas os estábulos dele foram revistados.

— Um velho ladrão de cavalos como ele tem muita astúcia.

— Mas então agora, Holmes, não receia deixar o cavalo em poder dele, que deve ter todo o interesse em prejudicá-lo?

— Não, meu caro amigo. Guardá-lo-á como a menina dos olhos. Sabe muito bem que a sua única esperança de misericórdia é apresentá-lo são e salvo.

— O coronel Ross não me deixou a impressão de ser pessoa para grandes misericórdias.

— Mas isto não tem que ver com o coronel Ross. Eu sigo sempre os métodos que escolho, revelem eles muito ou pouco. É esta aliás a vantagem de não ser detetive oficial. Não sei se reparou, Watson, que a conduta do coronel para comigo tem sido a de um cavalheiro frívolo. Agora, sou eu quem está a divertir-se um pouco à sua custa. Não lhe diga nada a respeito do cavalo. Mas tudo isto tem muito menos importância do que saber quem matou John Straker.

— E você vai agora tratar disso?

— Pelo contrário. Vamos regressar a Londres no comboio da noite.

Fiquei surpreendido com a decisão do meu amigo visto que tínhamos estado apenas algumas horas em Devonshire e desistir de uma investigação que começara de modo tão brilhante era-me totalmente incompreensível. Mas nem uma palavra mais consegui arrancar dele até chegarmos, de novo, a casa do treinador. O coronel e o inspetor esperavam-nos na sala.

— O meu amigo e eu vamos voltar a Londres no expresso da meia-noite — anunciou Holmes. — Já respirámos um pouco do ar maravilhoso da sua bela Dartmoor.

O inspetor arregalou os olhos e os lábios do coronel contraíram-se num risinho de escárnio.

— Então o senhor perdeu as esperanças de prender o assassino do pobre Straker — disse.

— Há certamente grandes dificuldades pela frente — respondeu Holmes, encolhendo os ombros. — Entretanto tenho a esperança de que o seu cavalo ganhe a próxima corrida, na terça-feira, e peço-lhe que prepare o seu jóquei. Pode dar-me uma fotografia de John Straker?

O inspetor tirou uma de um sobrescrito que tinha na algibeira e passou-lha.

— Meu caro Gregory, o senhor antecipa todos os meus desejos. Queria pedir-lhe para esperar por mim, um momento, enquanto eu vou fazer uma pergunta à criada. Importa-se?

— Devo dizer que estou muito desapontado com o nosso conselheiro de Londres — opinou o coronel asperamente, mal Sherlock Holmes saiu da sala. — Parece-me que não avançámos um passo, sequer.

— Bem, pelo menos o senhor tem a certeza de que o seu cavalo estará presente na corrida — respondi.

— Ah! É verdade, tenho a sua garantia — disse o coronel com um encolher de ombros. — Mas eu preferia ter o cavalo.

Eu ia dar uma resposta em defesa do meu amigo, quando este entrou, outra vez, na sala.

— Agora, meus senhores, estou perfeitamente pronto para Tavistock.

Quando nos preparávamos para entrar na carroça, um dos moços do estábulo abriu-nos a porta. Uma ideia súbita parece ter ocorrido a Holmes porque se inclinou e tocou no braço do rapaz.

— Têm algumas ovelhas no curral — disse ele. — Quem trata delas?

— Eu, senhor.

— Tem notado alguma coisa esquisita nelas?

— Sim, mas de pouca importância; três apareceram coxas.

Reparei que Holmes ficara extremamente satisfeito com esta resposta, pois ria-se por entre dentes e esfregava as mãos.

— Isto foi um grande furo, Watson, um grande furo! — quase cantou, beliscando-me o braço. E voltando-se para o inspetor: — Gregory, perdoe-me se lhe chamo a atenção para esta epidemia que grassa entre as ovelhas. A caminho, cocheiro!

O coronel Ross mantinha uma expressão que revelava uma pobre opinião sobre a competência do meu companheiro, mas, ao mesmo tempo, reparei que o inspetor ficara vivamente interessado.

— Acha que seja importante? — perguntou.

— Muitíssimo.

— E há mais algum outro ponto para o qual deseje chamar ainda a minha atenção?

— Sim. Para o curioso incidente do cão àquela hora da noite.

— O cão não fez nada.

— Ora é isso mesmo que torna o incidente curioso — rematou Sherlock Holmes.

Quatro dias depois Holmes e eu tomávamos, outra vez, o comboio de Winchester para assistir à disputa da Taça de Wessex. O coronel Ross, conforme fora combinado, esperava-nos fora da estação. Mal chegámos, dirigimo-nos para o hipódromo, nos arredores da cidade. A fisionomia do coronel mantinha-se invariavelmente grave e o seu comportamento era frio, ao extremo.

— Continuo sem saber nada do meu cavalo — disse.

— Se o vir, acha que é capaz de o reconhecer? — perguntou Holmes.

— Há vinte anos que participo nas corridas e nunca me perguntaram tal coisa — respondeu o coronel, visivelmente irritado. — Até uma criança seria capaz de reconhecer o *Estrela de Prata*, com a sua malha branca na testa e a perna direita sarapintada.

— Como vão as apostas?

— Ora essa é que é a parte curiosa da questão. Ontem ainda se podia atingir quinze a um, mas o preço tem vindo a baixar e agora não se consegue mais de três a um.

— Hum! — fez Holmes. — É evidente que alguém sabe o que se passa.

A carruagem aproximou-se da cerca do hipódromo e eu olhei para o cartaz das inscrições:

#### TAÇA DE WESSEX

Cinquenta soberanos por elemento com o acréscimo de mil soberanos para os de quatro e cinco anos. Segundo, trezentas libras. Terceiro, duzentas libras. Nova pista (dois quilómetros e seiscentos metros).

1 — *Negro*, do Sr. Heath Newton (boné vermelho, jaqueta cor de canela).

2 — *Pugilista*, do coronel Wardlaw (boné cor-de-rosa, jaqueta azul-preto).

3 — *Desborough*, de lorde Backwater (boné e mangas amarelas).

4 — *Estrela de Prata*, do coronel Ross (boné preto e jaqueta vermelha).

5 — *Íris*, do duque de Balmoral (listras amarelas e pretas).

6 — *Rasper*, de lorde Singleford (boné púrpura e mangas pretas).

— Retirámos o outro e depositámos todas as nossas esperanças na sua palavra — disse o coronel. — Mas o que é aquilo? O *Estrela de Prata* favorito?!

— Cinco a quatro contra o *Estrela de Prata*! — A campainha

soou. — Cinco a quatro no *Estrela de Prata*. Quinze a cinco contra o *Desborough*. Cinco a quatro em qualquer outro.

— Há números altos — comentei.

— Todos os seis! Então o meu cavalo corre — gritou o coronel em grande agitação. — Mas eu não o vejo. As minhas cores não passaram.

— Passaram ainda apenas cinco. Deve ser aquele que ali vem.

No momento em que falei, um possante cavalo baio saiu rápido da cerca de pesagem e passou a galopar diante de nós, levando no dorso o bem conhecido preto e vermelho do coronel.

— Aquilo não é o meu cavalo — bradou o coronel. — Aquele animal não tem um único pelo branco no corpo. Qual é a sua ideia, Sr. Holmes?

— Bem, só nos resta ver como ele se comporta — respondeu o meu amigo, imperturbável.

E olhou, durante alguns minutos, através do meu binóculo, gritando, por fim.

— Ótimo. Que excelente arrancada. Lá vêm eles a contornar a curva.

Da nossa carruagem tínhamos uma vista soberba por sobre toda a pista. Os seis cavalos corriam tão juntos que se podia cobri-los com um tapete. Mas, meia pista percorrida, o amarelo do estábulo de Mapleton apareceu à frente. Pouco antes, o galope do *Desborough* era um autêntico tiro mas o cavalo do coronel, investindo com ímpeto, passou o poste final com uns bons seis corpos de avanço sobre o seu rival. O *Íris* do duque de Balmoral não passou de um mau terceiro lugar.

— Seja como for, a corrida é minha — disse ofegante o coronel, passando a mão pelos olhos. — Mas confesso que não percebo nada do que se está a passar. Não acha, Sr. Holmes, que já manteve, por tempo demasiado, o seu mistério?

— Tem razão, coronel. Vou contar-lhe tudo. Mas primeiro vamos ver o cavalo. Aí está ele. — Prosseguiu quando entrámos na cerca de pesagem, onde só os proprietários dos animais ou as pessoas amigas eram admitidos.

— A única coisa que o senhor tem a fazer, coronel — disse Holmes com ênfase, acariciando a cabeça do animal — é lavar-lhe a cabeça e a perna com vinho e verá aparecer o mesmo *Estrela de Prata* de sempre.

— O senhor faz-me perder o fôlego.

— Encontrei-o nas mãos dum trapaceiro e tomei a liberdade de o fazer correr como estava estipulado.

— Meu caro amigo, o senhor fez maravilhas. O cavalo está ótimo. Para falar verdade, nunca esteve melhor. Devo-lhe milhares de desculpas por ter duvidado do seu talento. O senhor prestou-me um inestimável serviço ao descobrir o meu cavalo. Mas prestar-me-ia outro ainda maior se conseguisse deitar a mão ao assassino de John Straker.

— Já o fiz também — disse Holmes calmamente.

O coronel e eu olhámo-lo com espanto.

— Já o apanhou? Onde está ele então?

— Aqui.

— Aqui, onde?

— Aqui mesmo, ao pé de mim, neste momento.

O coronel corou de raiva e as palavras saíram-lhe firmes:

— Reconheço perfeitamente que lhe devo favores, Sr. Holmes, mas tenho de lhe lembrar que isso que o senhor acaba de insinuar é ou uma brincadeira de mau gosto ou um insulto.

Sherlock Holmes sorriu.

— Afianço-lhe que não o associei ao crime, coronel. O verdadeiro assassino está justamente atrás de si!

O militar deu um passo atrás e deitou a mão ao pescoço lustroso do puro-sangue.

— O cavalo! — gritámos o coronel e eu.

— Sim, o cavalo. E a culpa dele pode ser atenuada se tomarmos em linha de conta que se limitou a defender-se. John Straker era indigno da sua confiança, coronel. Mas vai soar a campainha e, se bem me parece, estou aqui para ganhar qualquer coisa na próxima corrida. Deixarei para ocasião mais propícia a explicação completa dos acontecimentos.

No nosso regresso a Londres, ocupávamos todo um canto da carruagem *pullman* do comboio da noite. Quer para o coronel, quer para mim, foi uma viagem muito curta, tão interessados e absorvidos íamos com o relato de Holmes sobre os acontecimentos de Dartmoor, naquela noite de segunda-feira, nos estábulos, e dos meios de que se servira para os descobrir.

— Confesso — disse ele — que se tivesse elaborado qualquer teoria baseada nos relatos dos jornais teria errado estrondosamente. Mas apresentaram algumas informações, embora tão carregadas de pormenores sem interesse que lhes roubavam toda a eficiência. Fui a Devonshire com a convicção de que o verdadeiro culpado era Fitzroy Simpson, apesar de perceber que as provas contra ele não eram, de modo nenhum, completas. Mas foi quando estava na carruagem, ao chegar a casa do treinador, que me ocorreu o imenso significado do carneiro com molho. Os senhores lembram-se, com certeza, de que eu estava alheado e continuei sentado depois de todos terem já descido. E eu próprio me admirava de que tivesse sido possível deixar um vestígio tão claro e evidente.

— Confesso — disse o coronel —, que até agora não entendo como isso nos ajuda.

— Foi o primeiro elo da minha cadeia de raciocínio. O ópio em pó não é insípido; longe disso. O seu sabor não é desagradável, mas nota-se perfeitamente. Adicionado a qualquer prato comum, o comensal sentiria, sem dúvida, alguma coisa e seria

até possível que não comesse mais. Ora o molho foi exatamente o meio de disfarçar-lhe o gosto! Mas não é lícito supor que esse estranho Fitzroy Simpson tivesse mandado servir molho à família do treinador, naquela mesma noite. Como é, sem dúvida, uma monstruosa coincidência supor-se que ele tinha trazido consigo o pó de ópio precisamente na noite em que acontecia haver um prato capaz de lhe disfarçar o sabor. Isto é inimaginável. Portanto, Simpson fica excluído do caso e a nossa atenção passa a concentrar-se em Straker e sua mulher, as duas únicas pessoas que podiam ter escolhido carneiro com molho para a ceia daquela noite. O ópio foi acrescentado depois de se ter separado o prato para o rapaz do estábulo, visto que os outros comeram a mesma coisa, sem maus resultados. Qual deles, então, teve acesso à travessa, sem que a criada visse?

»Antes de responder a essa questão, concentrei-me no facto de o cão não ter ladrado, porque uma conclusão verdadeira sugere sempre outras. O incidente de Simpson indicava que o cão não saíra dos estábulos e, no entanto, não ladrara o suficiente para acordar os moços que dormiam no sótão, apesar de alguém ter entrado e levado uns dos cavalos. Torna-se assim natural que o visitante daquela noite fosse uma pessoa que o animal conhecesse muito bem.

»Nessa altura já eu estava convencido, ou quase, de que fora John Straker quem, pela calada da noite, descera aos estábulos e tirara de lá o *Estrela de Prata*. Mas com que fim? Evidentemente com um fim desonesto, pois de outro modo não se compreendia que tivesse narcotizado o moço do seu próprio estábulo. Todavia não era fácil saber porquê. Tem havido casos de treinadores que se apossam de grandes quantias de dinheiro, opondo-se, por meio de agentes, aos seus próprios cavalos, impedindo-os fraudulentamente de ganhar. Às vezes é um jóquei que trata de os refrear em corrida, outras,

qualquer tratamento mais seguro e subtil. E no nosso caso? Esperava que o material encontrado nas algibeiras de Straker me auxiliassem a chegar a uma conclusão. E assim foi.

»Não esqueceram, com certeza, a faca encontrada na mão do morto, faca aliás que nenhum homem sensato escolheria como arma. Era, como nos disse o Dr. Watson, um tipo de faca usada nas mais delicadas operações cirúrgicas. E para falar verdade, também naquela noite se ia proceder a uma delicada operação. Como o senhor sabe pela sua ampla experiência em assuntos de corridas de cavalos, coronel Ross, é possível fazer uma incisão leve no tendão do jarrete dum cavalo sem deixar vestígios; o cavalo assim tratado coxeia levemente e de modo tão natural que o facto se pode attribuir a um mero esforço de exercício ou a um ataque de reumatismo; mas nunca a uma traição.

— O malandro! O miserável! — rugiu o coronel.

— E eis a razão por que John Straker quis levar o cavalo para a charneca. Um animal vivo teria certamente acordado o mais pesado dorminhoco quando sentisse a picada da faca. Era absolutamente necessário fazê-lo ao ar livre.

— Tenho estado completamente cego — lamentou-se o coronel. — É capaz de ter sido por isso que precisou da vela.

— Sem dúvida. Mas ao examinar os seus objetos particulares tive bastante sorte em descobrir, não só o método do crime, mas até o móbil. Como homem do mundo, coronel, o senhor sabe que a gente não traz nos bolsos as contas dos outros; as nossas são mais do que suficientes. Concluí logo que Straker levava uma dupla vida e mantinha uma segunda casa. A natureza da conta revelou que havia uma senhora na casa, e uma senhora de gostos dispendiosos. Mesmo liberal como é para com os que o servem, coronel, não deve esperar que um empregado seu pudesse comprar para a mulher um vestido de passeio de vinte guinéus. Interroguei a Sra. Straker a respeito do vestido

mas ela negou possuí-lo, o que me alegrou, porque provava que ele nunca lhe chegara às mãos. Tomei então nota do endereço da modista, certo de que, com uma fotografia de Straker, poderia com facilidade explicar o mito de Derbyshire.

»Daí em diante, tudo foi claro. Straker levou o cavalo para uma cova donde a sua luz fosse invisível. Simpson, na sua fuga, perdeu a gravata e Straker guardou-a, talvez com a ideia de, com ela, amarrar a perna do cavalo. Uma vez no buraco, colocou-se atrás do animal e acendeu a vela. Mas o cavalo assustou-se com o brilho repentino e, com o estranho instinto dos animais, sentiu que estava em perigo. Atirou então um coice e a sua ferradura de aço feriu Straker, em cheio, na frente. Este, a despeito da chuva, já tinha tirado a capa para executar mais facilmente a sua delicada tarefa e, ao cair, a faca rasgou-lhe a coxa.

— Admirável! — gritou o coronel. — Admirável! Parece que o senhor esteve lá.

— A minha visão, confesso, foi de longo alcance. Concluí que um homem tão astuto como Straker não se arriscaria a esta delicada incisão do tendão sem previamente ter praticado um pouco. Mas como? Foi então que reparei nas ovelhas, cujo andar levemente coxo, em vez de me surpreender, provou apenas que as minhas suspeitas eram fundamentadas.

— O senhor tornou tudo perfeitamente claro, Sr. Holmes.

— Quando voltei a Londres, visitei a modista que logo reconheceu em Straker um excelente freguês, cujo nome era, no entanto, Derbyshire, e tinha uma esposa vaidosa que adorava vestidos caros. Não me restam as menores dúvidas de que essa mulher o mergulhou em dívidas até às orelhas, levando-o a perpetrar aquele miserável plano.

— O senhor explicou tudo com exceção de uma coisa — exclamou o coronel. — Onde estava o cavalo?

— Ah! Fugiu e foi tratado por um dos seus vizinhos. Mas neste caso parece-me que vamos ter necessidade de uma amnistia. Olhe, já chegámos ao entroncamento de Clapham, se não estou enganado, e em menos de dez minutos estaremos em Victoria. Se quiser fumar um charuto em nossa casa, coronel, terei todo o prazer em lhe comunicar outros pormenores que lhe possam interessar.